

Bibliografia

JEAN MARCHAL — COURS D'ÉCONOMIE POLITIQUE Esta importante obra reproduz o essencial do curso de Economia Política ministrado pelo Professor JEAN MARCHAL aos estudantes do primeiro ano da

1ère année. Librairie de Médecis. Paris. 1950, 937 pages.

Faculdade de Direito de Paris. Ela contém quatro partes principais, intituladas respectivamente: 1) nascimento e evolução do sistema econômico contemporâneo; 2) elementos de base da produção; 3) mecanismo dos preços; 4) moeda e crédito.

O autor colocou a parte histórica no começo do seu *Curso*. Trata-se de uma história dos fatos, das teorias explicativas e das doutrinas de ação política, “fatos, teoria e doutrina observados não somente nas relações de uns com os outros, mas também com os fatos, teorias e doutrinas não econômicos” (1). A utilidade de prévio estudo histórico não é unânimemente reconhecida. O autor constata e não ignora os perigos de tal operação, que “oferece o risco — escreve êle — de fazer-nos perder de vista os caracteres particulares dos fenômenos econômicos e as ligações que existem entre êles” (2). Isto não é — para êle — senão uma passagem, uma via de acesso e não um fim em si: “. . . a pesquisa da teoria pura, à qual nós nos entregaremos mais tarde — escreve êle ainda — ajudar-nos-á a restabelecer o equilíbrio” (3). O que o autor procura, de início, é fazer compreender o *sistema econômico contemporâneo* pelo estudo de sua gênese e de seu desenvolvimento. Nos cinco capítulos substanciais, êle nos mostra o fluxo das grandes correntes sociais, o conflito das forças, o caminho seguido pelas raízes do mundo atual.

(1) Página 28.

(2) Páginas 27 e 28.

(3) Página 28.

Na parte consagrada aos conceitos de base, o autor estuda as noções de necessidade e de consumo, de trabalho e de produtividade, de capital e de renda, de investimento e de entesouramento. Considerável desenvolvimento é atribuído à formação do capital e à poupança. O autor mostra que esta tende a mudar de forma com a evolução do capitalismo: no século XIX, na fase liberal, a poupança era essencialmente um fenômeno voluntário e individual mas, no século XX, em consequência dos desenvolvimentos da economia dirigida, ela toma cada vez mais a forma de uma economia coletiva e forçada.

Os capítulos relativos à formação dos preços contêm a exposição das idéias anteriormente desenvolvidas pelo autor no seu livro intitulado *Le Mécanisme des Prix* (4). Achamos, todavia, aí, novos pontos de vista, por ex., a apresentação de uma nova teoria sôbre as *Curvas espessas de oferta e de procura*. JEAN MARCHAL recusa-se a admitir que se possa representar por uma linha a oferta e a procura individual fora do caso em que se considere um indivíduo cuja atividade seja perfeitamente racional. Quando se trata de compradores e de vendedores que se deixam impressionar pelo meio, as noções de oferta e de procura deixam, a bem dizer, de existir: o comprador, por exemplo, trocará a sua moeda pela primeira coisa que atraia sua atenção e, por conseguinte, o gênero e a quantidade dos objetos que êle procura não podem ser determinados por antecipação; dependerão inteiramente das circunstâncias. Mais freqüentemente, a atividade do comprador é parcialmente racional e parcialmente condicionada pelo meio; não é possível traduzir suas disposições, em face de cada um dos preços prováveis, por uma quantidade fixa, quanto mais por uma *quantidade vaga* que se pode situar, por comodidade de raciocínio, entre um máximo e um mínimo; quer dizer que, neste caso, a curva ordinária, de forma linear, deve ser substituída por uma espécie de feixe, mais ou menos largo. Esta interessante concepção conduz a uma teoria nova da formação do preço monetário que permite, em particular, mostrar a influência da publicidade na determinação dos preços em geral. Podemos ainda apreciar a fecundidade no capítulo consagrado à intervenção dos poderes públicos em matéria de preços, que acrescenta uma teoria nova àquela já contida em *Le Mécanisme des Prix*.

(4) 2.^a edição -- Librairie de Médecis, Paris, 1948.

A parte dedicada à moeda e ao crédito contém quatro capítulos, que estudam, sucessivamente, as operações de banco, os sistemas bancários, a moeda, enfim, as relações entre o poder de compra da moeda e o nível geral dos preços. O leitor achará, em particular, um interessante estudo dos institutos especiais que, no sistema francês, se juntam aos bancos propriamente ditos.

No seu estudo da estrutura das organizações econômicas, o autor adota a definição de empresa dada por F. PERROUX que vê nesta instituição a unidade de produção específica do capitalismo. Para que haja empresa é preciso um empreendedor (quer dizer, um indivíduo que arrisque seu capital monetário), mercados onde se comprem os fatores da produção e se escoam os produtos, enfim um meio de ação particular constituído pela busca do maior lucro monetário possível. Desde que um destes elementos venha a faltar não há mais uma *empresa* e sim uma *exploração*. Eis porque JEAN MARCHAL fala das *explorações artesanais*, das *explorações cooperativas*, das *explorações públicas* e as estuda separadamente. Quanto à *empresa privada*, visto que ela é órgão, por excelência, do sistema capitalista, não é surpreendente que haja evoluído ao mesmo tempo em que o sistema se transformava. O autor mostra, em primeiro lugar, o acréscimo de poder adquirido pela empresa. Esta acentuação do caráter capitalista da empresa tem sido o resultado: a) da substituição da empresa individual pela sociedade anônima; b) dos fenômenos de concentração, de integração e de associação. Os poderes públicos se têm preocupado com as oligarquias que assim se constituíram e têm reagido na intenção de limitar o poder dos grupos. O autor estuda como eles têm tentado atenuar o caráter capitalista da empresa privada. Numa primeira fase, que cobre o século XIX e o começo do século XX até 1914, os poderes públicos se esforçaram em manter a concorrência; tentaram limitar os trustes e controlá-los; mas, depois de 1914, parece que deixaram de acreditar nas virtudes da empresa privada e da concorrência. Descobriram que os trustes podem constituir um bom meio de enquadrar as empresas e dirigi-las. Tendem, portanto, a transformar os trustes privados em instituições públicas obrigatórias sobre as quais exercam controle.

Esta obra, que contém uma abundante bibliografia, constitui um importante esforço de esclarecimento e de síntese. Sem

nada omitir das principais aquisições da teoria moderna, ela obedece constantemente às exigências do realismo e da clareza. Tais qualidades tornam-na um excelente instrumento de trabalho que prestará serviços aos estudantes e interessará aos especialistas.

Léon Buquet

*Faculdade Nacional de Ciências
Econômicas da Universidade
do Brasil*